

WENCESLAU DE MORAES E AS IMAGENS DA CONSTRUÇÃO DE UMA NAÇÃO MODERNA

MAURICIO HIROSHI FILIPPIN OBA*

RESUMO

Em 1907, o escritor, jornalista e cônsul português, Wenceslau de Moraes, residente então no distrito de Kobe no Japão, escrevia correspondências ao jornal Lisbonense “*O Commercio do Porto*”, nas quais tratava de explanar opiniões acerca das relações econômicas entre Portugal e Japão, aspectos culturais desse país em que ele residia, crônicas de seu dia-a-dia e histórias folclóricas das quais ele tomava conhecimento. No contexto de seus escritos, metaforicamente o tabuleiro de xadrez das disputas imperialistas vinha se ampliando, e o governo japonês, fortemente influenciado pelas opiniões de Herbert Spencer e as teorias evolucionistas, vinha buscando se destacar no cenário mundial como uma nação poderosa. Aplicando uma política de ocidentalização, da Restauração Meiji, em 1868, até o final do século XIX o Japão já adotava diversos aspectos culturais e tecnológicos das consideradas nações modernas, ao mesmo tempo em que continuava ligado aos velhos costumes, sendo visto como uma nação ambígua que unia tradição e modernidade. Esse aspecto, já então na década de 1920, passou a muito interessar os políticos brasileiros, que visavam fazer do Brasil uma nação moderna, mas que ainda conviviam com a figura do “Jeca Tatu”. Dessa forma o Japão era tido como um modelo para uma ascensão rápida, e Wenceslau de Moraes se tornou um dos autores mais lidos numa tentativa de criar a nova nação rica e industrializada ao mesmo tempo em que manteria seu charme cultural. Nesse trabalho buscamos contextualizar os escritos de Moraes dentro desse universo evolucionista e analisar as formas com que ele retrata o Japão como a nação do mítico e do moderno.

PALAVRAS-CHAVES: evolucionismo; Wenceslau de Moraes; cultura japonesa

INTRODUÇÃO

Wenceslau de Moraes nasceu em Lisboa no ano de 1854 e foi oficial da marinha portuguesa, o que lhe possibilitou viajar para outros territórios, entre eles Macau, em 1888, mantendo uma relação com *Mo Wong Shi Moraes*, com a qual teve dois filhos, até o ano de

* Acadêmico do Curso de História da Universidade Federal de Santa Maria, bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica - PIBIC 2012, fomentado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientado pelo Prof^o Dr. André Luis Ramos Soares, professor adjunto do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Maria

1898 quando se separam os dois. Mudando-se ao Japão, um ano após assume o cargo de Cônsul português em *Hiogo* e *Osaka* e posteriormente *Kobe* e *Osaka*. Manteve-se nesses cargos até 1913. É nesse período que Wenceslau de Moraes escreveria ao jornal lisbonense “*O Commercio do Porto*” relatando fatos cotidianos, aspectos culturais que ele observava, algumas posições de cunho político de como ele considerava que deveriam ser protagonizadas as relações econômicas entre Portugal e Japão, observações acerca das publicações de outros escritores que tratariam do Japão e sua cultura, e nesse caso que muito se destaca devido a frequente menção de seu nome, *Lafcadio Hearn*. Apresenta também suas impressões acerca das artes, assim como narrativas folclóricas que frequentemente aparecem nas cartas. Esses escritos foram compilados e publicados em três volumes em 1927, tendo Moraes destacado que

E' claro que a importância de taes escriptos, destinados principalmente á simples enumeração de factos, perdeu muito com o andar dos tempos. Todavia, alguns curiosos de coisas japonezas ainda poderão encontrar sufficiente interesse em uma e outra página solta; é para elles que agora se recolleccionam as últimas Cartas do Japão, apparecidas no período que decorre desde o anno de 1907 até meados de 1913 – se não me engano, – quando o autor, abandonando a vida publica, se retirou para o isolamento onde se encontra. (MORAES, 1927, p.5)

Aqui é possível ter a interpretação de que Moraes já considerava sua obra pouco válida ao seu objetivo inicial, a simples enumeração dos fatos, porém esse era o discurso que o autor apresentava 20 anos após a publicação original de tais escritos, e seria precipitado afirmar que essa opinião mantivesse-se incólume por duas décadas, porém também não é possível afirmar que sua idéia original fosse diferente. Enumeração dos fatos foi a função atribuída por Moraes em 1927, e se existia mais algum objetivo nessas páginas talvez nunca tenhamos acesso a esse conhecimento. Porém ao mesmo tempo que não podemos dar precisão ao objetivo do autor, como historiadores cabe-nos reconstruir relíquias do passado em objetos de significação histórica (BEVIR, 2008), e nesse sentido realizar uma taxonomia da fonte, conforme propõe ARÓSTEGUI (2006), pode não nos dizer com que objetivo eram escritas as cartas, porém nos garante destacar que a informação contida aí era dirigida a alguém, pois Moraes sabia que, e imaginamos tivesse essa intenção, suas cartas eram publicadas e lidas em Portugal, e mais do que enumeração dos fatos, elas se tornam informativas e dirigidas à um público, que engloba, o que talvez não pensasse Moraes, mesmo pessoas do futuro.

Entre o público leitor de Wenceslau de Moraes destacam-se aqui fazendeiros, diplomatas e médicos brasileiros que, ao observar o Japão através destas obras, questionavam-se, ao observar o avanço tecnológico convivente com as velhas tradições, se o Brasil poderia seguir o mesmo caminho e tornar-se uma potência mundial (LESSER, 2001). A pergunta a se fazer aqui permeia o caminho de identificação da forma como Moraes “comparava a tradição mítica com o estado moderno e hiperindustrializado” (LESSER, 2001, p. 268), considerando-se o conceito de um mundo evolucionista (BAUMER, 1977), seria parte do interesse de Moraes realizar essa comparação? Ou teria sido uma entre as possíveis interpretações de seus registros?

DA RESTAURAÇÃO MEIJI À OCIDENTALIZAÇÃO

Em 1853 uma esquadra comandada por *Matthew Calbraith Perry*, um norte-americano, adentrou a Baía de *Edo* (onde hoje se localiza a capital Tóquio). O Japão permaneceu antes desse episódio, por quatro séculos recluso e fechado a relações políticas e comerciais com o exterior. A chegada da esquadra de Perry seria tido como marco inicial da abertura japonesa para o ocidente, culminando em 1868 com o fim do shogunato e a restauração *Meiji*. Para BAUMER (1977) a segunda metade do século XIX é evolucionista, para HENSHALL (2005), nesse período o governo *Meiji* encara a ocidentalização como elemento chave para a modernização do país, assim como “Em termos de história cultural, foi uma época em que o Japão começou a absorver as culturas modernas da Europa e América.” (TAZAWA; MATSUBARA; OKUDA; NAGAHATA, 1973, p. 99).

Em questão de 50 anos o Japão surpreendeu o mundo devido ao seu avanço tecnológico. Influenciado pelas ideias evolucionistas de *Herbert Spencer* (HENSHALL, 2005), consideravam que para enfrentarem as potências ocidentais deveriam ser tão fortes quanto elas, portanto tornar o Japão um nação uma nação semelhante às europeias era essencial. Junto com a política de ocidentalização também o nacionalismo torna-se essencial para esse avanço. A descrição de HENSHALL para esse processo inicia-se ainda na restauração *Meiji*, na qual segundo ele o discurso contrário ao governo *Tokugawa* teria fortalecido a imagem do Imperador como aquele que deveria governar, e gradualmente esse

tipo de alocação passaria a se tornar um culto ao imperador, constituindo através da família imperial o centro do nacionalismo, o que segundo YAMASHIRO (1997) segue também o modelo ocidental ao centralizar o poder político numa figura de poder simbólico. No caso específico do Japão, a família imperial possuía como aparato legitimador uma longa e ininterrupta árvore genealógica. Dessa forma o nacionalismo e a ocidentalização teriam sido as duas principais ferramentas do governo *Meiji* para a criação de um estado forte e consolidado.

Nesse processo de ocidentalização uma de suas bases foi a educação. Em meados da segunda metade do século XIX, o Japão já possuía o maior índice de alfabetização mundial, mas principalmente a educação era essencial para construção de uma moralidade cívica, sendo dessa forma a escola local que visava carregar a criança de valores nacionalistas (HENSHALL, 2005). É nesse período que surge o *Undokai*, uma espécie de gincana realizada na escola, com a presença dos familiares, com objetivo de confraternização, através da qual seria possível criar um senso do coletivo, conforme Benedict Anderson (1989) a nação é imaginada porque jamais um membro dela poderá conhecer todos os seus compatriotas, porém o nacionalismo faz com que tenhamos consciência da sua existência e o principal papel do *Undokai* tornava-se este. Além disso, o Japão, que até então tinha predominância da atividade agrária e comercial, teria que se industrializar caso quisesse superar as nações ocidentais. Por isso também fez parte da política do governo *Meiji* buscar no ocidente engenheiros, professores e cientistas, sob salários altíssimos, que pudessem ensinar nas universidades e modernizar o país. Também muitos japoneses eram patrocinados a irem estudar na Europa, e mesmo aqueles que não tinham essa oportunidade acabavam tendo acesso a um número crescente de obras dos intelectuais europeus que eram traduzidas para o japonês.

Uma característica pertinente na modernização japonesa a ocidentalização o é. Henshall já destaca que

Um Japão ocidentalizado seria levado mais à sério pelo ocidente, e o Japão desejava muito ser levado à sério. Não gostara da humilhação dos “tratados desiguais” assinados durante a agonia do xogunato tinha uma vontade de que fossem revistos. Queria ser tratado como igual ou, idealmente, como superior. (HENSHALL, 2005, p. 114)

A ocidentalização vinha incumbida de um desejo de não ficar submisso ao ocidente, como ocorreu com outros países tais como a China, Austrália e Nova Zelândia, e a própria abertura dos portos forçada pelo norte-americano Perry incitava esse desejo, conforme expressa o próprio Moraes cujos escritos se tratarão nas próximas páginas deste trabalho

Emfim, ficamos nós sabendo, e fica o Japão também sabendo, que o commodoro Perry, vindo em 1853, em nome dos Estados-Unidos americanos, impor ao Japão, pela força, que abrisse as suas portas esqueceu-se de dizer que assim era preciso, para que os estrangeiros podessem entrar no sólo japonês; mas, quanto ás portas da America, a republica reservava-se o direito de bater com ellas na cara dos nipponicos, quando estes em virtude de reciprocidade de conducta, para lá se dirigissem. (MORAES, 1927, p.33)

Tornava-se desejoso assim ter um aparato através do qual se pudesse competir com o ocidente, e nesse sentido igualar-se ao, e superar o ocidente, como dizia um ditado do período “*oitsuke, oikose*”, algo como “alcança, ultrapassa” (HENSHALL, 2005) adquiria um significado doutrinário.

Uma das teorias mais populares que chegava ao Japão era o evolucionismo, principalmente pelo filósofo inglês *Herbert Spencer* (HENSHALL, 2005). Spencer era tido em alta consideração pelo governo japonês, e foi muitas vezes consultado acerca das medidas que deveriam ser tomadas em termos de política relacionadas aos ingleses e os norte-americanos. Sua opinião era a de que o acesso à propriedade deveria ser negado aos estrangeiros, e a raça japonesa deveria ser mantida pura.

Segundo BAUMER (1977) Spencer definia a evolução como uma mudança do homogêneo para o heterogêneo, num sentido de progresso. Ele utilizou um conhecimento das ciências biológicas aplicado em seus projetos de reforma social, acreditando que, ao contrário da teoria do geneticista *Francis Galton*, de que o agente da evolução do ser humano deveria ser a eugenia, através de um controle da natalidade e seleção, a educação cumpriria o papel de aperfeiçoamento do ser humano numa tradição comteana em que todas as sociedades perpassam por fases de desenvolvimento (JÚNIOR, 1994).

WENCESLAU DE MORAES E SUAS IMEGENS DO JAPÃO

Em obra de 1925, “*Relance da Alma Japoneza*”, Wenceslau de Moraes define a “alma” como um conjunto de feições Moraes, e que são essas características, juntamente com as feições físicas, possibilitam diferenciar um indivíduo de outro indivíduo, e necessariamente uma raça de outra raça (MORAES, 1925). Novamente se destaca uma diferença de 18 anos entre a escrita das cartas ao jornal “*O Commercio do Porto*” e a publicação de 1925, e nos é impossível afirmar que essas ideias acerca da alma existissem na sua época de cônsul, ou que ele refletisse sobre elas, porém novamente destacamos que não podemos ignorar que esses escritos posteriores não tenham alguma relação com suas produções anteriores. Nesse sentido percebe-se alguns elementos que Moraes considera fundamentais em “*Relance da Alma Japoneza*” e que são repetidamente apresentados em “*Cartas do Japão*”, o que não significa que fosse seu objetivo apresentar esses elementos como feição física definidora da “alma japonesa”, mas que Moraes já considerava certos aspectos cujo conhecimento seria considerável para compreensão da cultura japonesa.

Entre os aspectos referidos anteriormente, a religião é um dos elementos mais destacáveis das cartas de Moraes. Ele não se detém a dissertar sobre questões profundas ou relativas aos dogmas religiosos, mas sob os fatos narrados ele apresenta na maioria das vezes uma justificativa baseada em elementos religiosos. Numa carta de 16 de janeiro de 1907, é descrito a festividade do ano novo no Japão, e dentro desse evento um fenômeno impressionava Moraes: uma voz gritando na madrugada.

No entretanto de tudo que vejo e de tudo que ouço, o que mais me impressiona n’esta quadra, até ao ponto de commover-me – parecerá ridículo o incidente – é um simples grito popular, que vem, na madrugada do segundo dia de janeiro, interromper-me o somno: - “Waita, waita!... Furô ga waita!...” – Isto pôde traduzir-se assim: - “Quente, quente!... O banho está quente!...”. (MORAES, 1927, p.8-9)

Esse grito assim é descrito pois segundo Moraes existe um único dia no ano em que nenhum japonês se permite o regalo do banho, o que ele justifica por dois motivos. O primeiro é a falta de tempo, por ser um dia de visita aos parentes e templos. O segundo por ser um dia sagrado no qual ninguém trabalha, e nesse ponto ele destaca “são os deuses que assim mandam” (MORAES, 1927, P.9). Dessa forma os serviçais responsáveis por encher as tinas e esquentar a água, uma vez que na época os banhos japoneses eram todos públicos, só

começam a trabalhar à meia-noite, quando já se encontram no segundo dia do ano, e por esse motivo que um dos funcionários anuncia aos brandos na madrugada “*Furó wa gaita*”.

Em carta do dia 26 de fevereiro do mesmo ano, relata-se então uma viagem a província de *Nagoya*. Explica o autor que muito comum era se comemorar o ano novo no Japão duas vezes, uma no dia 01 de janeiro segundo o calendário gregoriano, e outra através do calendário lunar, que era o corrente no Japão até o ano de 1873. Dessa forma ainda era muito comum o costume, principalmente no interior, de se comemorar o ano novo na primeira quinzena de fevereiro, não sendo raro o fenômeno de pessoas comemorem esse evento as duas vezes no ano. Moraes explana então ter sido convidado a visitar o templo de *Atsuta* na província *Nagoya* pela família *Makino*. Relata que já no templo, a filha de *Makino*, *O-Masu*, comprou alguns feijões para dar ao cavalo do templo, servo do Deus do templo e quase divindade também. Ao regressar para *Nagoya* ele ainda descreve terem perpassado por um curioso templo encharcado dentro do qual se encontravam estranhos objetos. Na explicação dada pela família *Makino*, o templo era dedicado ao deus *Jizô*, protetor dos caminhantes e das crianças falecidas, e os objetos eram diversos brinquedos cujas mães de seus donos iam depositar para que as almas de seus filhos pudessem descansar em paz.

Na sua carta seguinte, no dia 19 de março, Moraes reserva um espaço a dissertar sobre a palavra *ingwa* que ele traduz como a causa e o efeito, sendo um termo admitido no budismo através do qual se explica uma situação de sofrimento na vida do indivíduo devido a uma falta ou má ação em sua vida anterior. Para tentar explicar tal conceito ele se utiliza da história da monja pedinte *Dassetsu*.

A bonza ou monja pedinte dassetsu foi vista pela última vez no ano de 1846, por signal na aldeia de Tanaka, provincia de Shimotsuké, em casa de Naguchi Dengozaýémon, onde de passagem pernoitou. Desde ninguem mais ouviu d'ella fallar. Náquele noue, muitos vizinhos se reuniram em casa de Naguchi, instando com a monjapara que contasse a sua história; o que ela fez pouco mais ou menos, como segue, segundo testemunhas presenciaes. (MORAES 1927, P. 49-50)

O nome original da monja, pois *Dassetsu* era um nome religioso, era *Yukiko*, uma nobre que vivia no castelo de um *Daimyô*, general e senhor de muitas terras, cuja esposa encontrava-se no leito de morte. O último desejo da senhora era ver *Yukiko*, então com 19 anos. Ela então pediu a esta que após sua morte ela tornasse-se a nova esposa do *Daimyô*, e

por último pediu que *Yukiko* a carregasse para que pudesse ver as flores das cerejeiras. A menina então lhe ofereceu as costas para que esta subisse, e ela então colocando as mãos por dentro das vestes da outra, tocou-lhe os seios e com uma gargalhada diabólica exclamou “Oh, posso agora morrer! Realizei o meu desejo, o meu grande desejo com respeito às flores de cerejeira, não as do jardim, em que não penso, mas estas, mas estas...!” e morreu dessa forma. Ao tentar separar-se do corpo da senhora as mãos continuaram agarradas aos seios. Muitos doutores foram chamados, incluindo o maior físico no Japão, um sábio holandês de grande fama, mas que não soube explicar o fenômeno e optou por cortar as mãos do corpo da falecida. Apesar disso as mãos teriam continuado vivas e apertando os seios da jovem toda noite, o que lhe causava dor. Por esse motivo *Yukiko* tornou-se monja pedinte sempre pedindo perdão ao espírito da esposa do *Daimyô* para que ele lhe livrasse da sua *ingwa*.

No dia 16 de abril escreve nova carta, que entre o conteúdo opta por contar uma história que vinha se conservando de memória. Porém antes de contá-lo, Moraes opta por esclarecer algumas características do budismo, que manda venerar três coisas: Buda, sua doutrina e os sacerdotes. Porém muitas pessoas às vezes veneram outras divindades, algumas malfazejas, o que atrai cedo ou tarde nefastas consequências. O conto relatado refere-se a uma garota de nome *Kinumé* que teria vivido no tempo do Imperador *Shômu*, entre os anos 724 a 748 do calendário gregoriano, no distrito de *Yamada* na província de *Sanuki*. Esta personagem foi vítima de uma epidemia, e seus pais para salvá-la teriam recorrido ao deus das pestes, realizando diversas súplicas, promessas, novenas. Apareceu então em sonho à garota o deus das pestes, afirmando-lhe que era seu desejo salvá-la, mas que para isso era necessário dar a vida de outra pessoa com o mesmo nome. Para isso *Kinumé* guiou o deus até o distrito vizinho de *Utari* onde vivia outra *Kinumé* a qual o deus acertou com seu estilete fazendo-a desmaiar contaminada pela doença. *Kinumé* de *Yamada* continuou na cama por mais três dias tendo contado aos seus pais o estranho sonho, até que no terceiro dia levantou totalmente saudável. Porém dizia que aqueles não eram seus pais e nem aquela sua casa, fugindo para o distrito vizinho, onde os pais de *Kinumé* de *Utari* ainda choravam a sua filha falecida. Sucedeu-se que, ao descer à terra dos mortos, a alma de *Kinumé* de *Utari* surpreendeu o Juiz das almas que não previa sua chegada, e mandou que a levassem de volta, porém seu corpo já havia sido cremado e por isso foi-lhe dado o corpo de *Kinumé* de *Yamada* cujo espírito estava destinado

a ser julgado entre os mortos naquele dia. Dessa forma a menina que correu até *Utari* era o corpo de *Kinumé* de *Yamada*, porém a alma era de *Kinumé* de *Utari*. Após os pais de ambas *Kinumés* conversarem, e da mãe de *Yamada* contar sobre o sonho de sua filha, foi-se esclarecido o sucedido, e sendo corpo de uma e espírito de outra, *Kinumé* passou dessa forma a ter dois pais e duas mães.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cartas que Moraes escreveu ao jornal “*O Commercio do Porto*” apresentam elementos que nos permitem destacar a ideia do Japão como uma nação moderna, hiperindustrializada, que mantém fortes vínculos com uma cultura considerada exótica e charmosa no início do século XX. Os primeiros dois relatos apresentados aqui demonstram uma forte presença de estereótipos do Japão tradicional, os banhos públicos e as crenças religiosas exóticas para o ocidente podem muito bem ter dado aos brasileiros, que tiveram acesso a essa narrativa, a impressão de que o Japão mantinha ainda aquelas características não modernas mesmo sendo um país que vinha se destacando no cenário mundial, tendo recentemente, durante a Guerra Russo-japonesa, superado o império czarista. Fica claro também que, apesar de sua grande modernização, a convivência entre o moderno e o antigo no Japão desse período permanece muito forte, ao que tivemos impressão, apesar de Moraes não se manifestar nesse ponto, principalmente nas regiões mais rurais a modernização demorava a chegar. Não acreditamos que fosse intenção do autor criar essas comparações, porém a possibilidade de percorrer essa interpretação não é descartável e pudemos perceber que as descrições de Moraes acerca do Japão possibilitam essa imagem que para muitos dos discursos da recente república que dava seus primeiros passos no Brasil desse período e desejavam tornar esse país uma potência moderna com a rapidez e eficiência do Japão, ao mesmo tempo em que não seria necessário colocar o velho sistema como um impasse.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. Nação e consciência nacional. São Paulo: Ática, 1989.

ARÓSTEGUI, Julio. *A Pesquisa Histórica – teoria e método*. Bauru: EDUSC, 2006 .

BAUMER, Franklin. *O pensamento europeu moderno*. Lisboa: Edições 70, 1977, p.97-128.

BEVIR, Mark. *A lógica da história das idéias*. Bauru: EDUSC, 2008.

FOTOBIOGRAFIA de Wenceslau de Moraes. Disponível em: <http://blogdaruanove.blogs.sapo.pt/tag/portugaru-san> Último Acesso em: 20 de março de 2013.

HALL, John Whitney. *El Império japonês*. Madrid: Ediciones Castilla S.A. 1973.

HENSHALL, Kenneth. *História do Japão*. Lisboa: Edições 70, 2005.

JÚNIOR, João Ribeiro. *O que é positivismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2001.

MORAES, Wenceslau de. *Cartas do Japão*. Lisboa: Portugal-Brasil Sociedade Editora, 1927.

_____. *Relance da Alma Japoneza*. Portugal-Brasil Sociedade Editora, 1925.

TAZAWA, Yutaka; MATSUBARA, Saburo; OKUDA, Shunsuke; NAGAHATA, Yasunori. *História Cultural do Japão: uma perspectiva*. Tóquio: Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão, 1973.

YAMASHIRO, José. *Japão: Passado e presente*. São Paulo: Aliança cultural Brasil-japão, 1997.